

Dauster desmente pagamento

Ivaldo Cavalcante 16.03.89

Rio — A antecipação das negociações com os bancos credores, acertada no acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), não significa que o Brasil assumiu compromisso de prazo para voltar a pagar os juros da dívida externa, afirmou, ontem, o negociador da dívida, embaixador Jório Dauster. Ele pretende marcar já para a primeira quinzena de outubro o primeiro encontro com o comitê assessor de bancos, em Nova Iorque.

“Vamos pagar quando, quanto e como pudermos e não há prazo definido para isso”, disse Dauster, acrescentando que o Brasil só volta a pagar aos banqueiros no momento em que a economia estiver num estágio em que esses recursos não causem nem inflação, nem recessão. Embora ressalve que “o objetivo é acabar o mais rápido possível”, Jório Dauster prefere não estimar o prazo para conclusão das negociações com os banqueiros. No caso da Venezuela, lembra ele, o acordo só foi concluído depois de um ano de discussões.

E essas discussões só vão começar depois que o board do FMI aprovar o acordo concluído com o diretor-gerente Michel Camdessus, o que deve se dar na primeira quinzena de outubro. Antes disso, o Brasil vai tomar algumas iniciativas informais. A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, vai aproveitar a presença de representantes de organismos internacionais durante a assembléia anual do FMI, no próximo dia 22, em Washington, para começar a conversar com o Clube de Paris, o Banco Mundial (Bird) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). O presidente do BID, Henrique Inglesias, almoçou neste final de semana, em Washington, com Dauster e o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, e acertou a realização de um seminário para que a ministra exponha o plano de estabilização econômica. Para a reunião do FMI, acompanharão Zélia o secretário de Política Econômica, Antônio Kandir, o presidente do BNDES, Eduardo Modiano, além de Ibrahim Eris, do Banco Central, e Dauster.

Embora o acordo com Camdessus tenha custado três reuniões, o negociador da dívida brasileira diz que ele foi facilitado pelo relatório



Dauster: pagaremos quando der

do chefe da missão do FMI no Brasil, Thomas Reichmann, que deu parecer favorável. Até que o board aprove o acordo e o Brasil marque a primeira reunião com os banqueiros, Jório Dauster vai trabalhar para ampliar a composição do comitê de bancos, além dos 16 representantes atuais, introduzindo a participação de outros bancos que têm créditos menores com o Brasil e, portanto, interesses diferentes dos 16 grandes credores.

Além disso, o Brasil pretende aproveitar a experiência da Venezuela, que dividiu o comitê em subcomitês de instrumentos de discussão da dívida (bônus, dinheiro novo, recompra, redução do estoque, juros, etc). Essas propostas já vêm sendo discutidas nas conversas individuais com os bancos chamados a Brasília e que terminam no dia 17, quando Dauster se encontrará com o último dos 14 representantes de bancos que atenderam ao chamado do Brasil. A experiência dessas conversas, segundo Jório Dauster, “foi proveitosa para entender a metodologia de cada um deles”. Dauster ouviu — e anotou — o que foi dito e pretende usar as diferenças manifestadas entre eles nessa segunda etapa da negociação, em que o Brasil vai enfrentar os banqueiros em bloco, no comitê assessor. (A.E.)